

Conflitos urbanos

FABIANO DIAS

A cidade é, desde a Antiguidade, o palco de manifestações políticas e cívicas. Na Ágora, os gregos criaram as bases da política; no Fórum, os romanos exerceram plenamente sua cidadania; nas praças das feiras livres das cidades medievais européias, o povo desenvolveu as primeiras línguas nacionais; e nas ruas das cidades modernas, a população marchava em protesto contra seus governantes... Mas espaços públicos das cidades brasileiras, como as praças e as ruas, são hoje os lugares de conflitos, onde, ao invés de abrigarem manifestações democráticas, são os alvos preferidos de grupos que, movidos ou não por problemas sociais ou de representação, usam-nos em seu exclusivo benefício. Ambulantes disputam o espaço exíguo das calçadas com os pedestres, perueiros e transportes clandestinos disputam os passageiros com o transporte público, bandidos e traficantes tomam as ruas e túneis de assalto, em confrontos diretos com a polícia, deixando a população à mercê dos tiros de uma verdadeira guerra civil não declarada.

Nesse contexto, que de nada tem de novo, o Estado (independente do partido e do nível administrativo) como autoridade e gestor do espaço público se mostra frá-

gil, incapaz de oferecer suas funções básicas, como a segurança, por exemplo. A função do espaço público se inverte nas cidades brasileiras, e andar por ele deixa de ser um prazer e foi trocado pelo temor, pelo sentimento de pânico e de desamparo. Há muito, lugares como esses deixaram de ser tranqüilos e cada vez mais nos parecem estranhos.

Ficar em casa, ou freqüentar cada vez mais ambientes fechados e seguros como os shoppings, parece serem as únicas opções da vida urbana. A agorafobia, ou o temor por espaços públicos onde as pessoas se reúnem, já não é um sintoma tão difícil de diagnosticar em nossas cidades.

Desmandos como esses que envolvem o que é ilegal contra a legalidade só terão solução quando o Estado pôr em prática leis já aprovadas, mas esquecidas em alguma gaveta, além de políticas públicas de inclusão social e a já batida máxima da distribuição de renda. Enquanto isso não for feito, o cidadão de bem será a eterna vítima de sua própria cidade, em relação a qual é sempre devedor de todos os seus deveres, mas esquecido de seus direitos.

Fabiano Dias é arquiteto-urbanista